IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

PEDAGOGIA FEMINISTA LATINO-AMERICANA E A FORMAÇÃO DOCENTE: CONTRIBUIÇÕES PARA UM CURRÍCULO EMANCIPADOR DE GÊNERO

Eixo Temático 31 – Pedagogias feministas: qual o lugar do corpo, do gênero e da sexualidade no currículo?

Amanda Maria Capitolina Rodrigues Duarte [1]
Daniela Finco [2]

RESUMO

Este trabalho apresenta como o feminismo acadêmico latino-americano vem ampliando perspectivas formativas e analíticas, contribuindo para uma consciência crítica. Parte de uma pesquisa de doutorado em andamento, que analisa como suas teorias sustentam a formação docente, oferecendo subsídios para inserir a perspectiva de gênero, promovendo uma práxis educativa que questione sistemas de opressão e desigualdade. Considera o feminismo um importante movimento global de resistência, que contribui para a inovação teórica e a intervenção social. Busca fortalecer o debate de gênero nos currículos de formação docente, estimulando o pensamento crítico e a transformação social, sobretudo em países marcados por profunda subordinação patriarcal e colonial.

Palavras-chave: Pedagogia Crítica Feminista, Estudos latino-americanos, Ofensivas Antigênero, Currículo.

INTRODUÇÃO

Atualmente, o feminismo é o movimento global mais importante em termos de

[1] Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP - Guarulhos, amanda.duarte@unifesp.br.
[2] Doutora pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - USP. Professora Associada na Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP - Guarulhos, dfinco@unifesp.br

inovação teórica, intervenção social, atuação política e resistência democrática, no qual, acentuou fissuras nas relações de poder, desigualdades e hierarquias de gênero em escala internacional (Ballestrin, 2020). A reação aos discursos antifeministas e misóginos explícitos e articulados, bem como a reabilitação da extrema-direita violenta autoritária é a prova disso.

O movimento feminista nos últimos anos, se converteu em um fenômeno mundial que emerge no sul, que a partir daí, nutriu o "internacionalismo" porque se faz alianças, que apesar de características próprias, produz vínculos (Gago, 2020). A força do "internacionalismo" feminista é capaz de fazer um diagnóstico comum sobre as táticas de contrainsurgência que pretendem nos enfraquecer e dividir. Ao pensar nesta perspectiva trazemos os desafios para a construir estratégias educativas coletivas de enfrentamento à discriminação e às desigualdades de gênero, envolvendo os espaços acadêmicos e políticos das universidades (Finco, 2018).

Desse modo, este trabalho se fundamenta no feminismo latino-americano como um movimento essencial e teoricamente inovador, aprofundando a reflexão sobre a Pedagogia Crítica Feminista e ampliando o diálogo acerca das questões de gênero na formação docente, com foco nos contextos do Brasil, Chile e Argentina. A proposta busca contribuir para pensarmos na potencialidade do feminismo latino-americano, como forma de resistência aos desafios atuais. Trata-se das análises parciais de uma pesquisa de doutorado em andamento que busca trazer as contribuições de pedagogias feministas latino-americanas, analisando como suas teorias sustentam a formação docente.

METODOLOGIA

Este trabalho tem como referencial teórico metodológico os estudos de pesquisadoras feministas latino-americanas que vem acrescentando e ampliando as perspectivas formativas e analíticas para as questões de gênero. Tem como base uma pesquisa qualitativa, com a seleção e análise da produção acadêmica de pesquisadoras latino-americanas que atuam com a temática de gênero na formação docente, buscando

identificar os principais conceitos que baseiam seus estudos. Buscamos aprofundar as contribuições de pesquisas acadêmicas nos países irmãos da América Latina, buscando analisar como as teorias feministas latino-americanas nutrem perspectivas importantes para pensar em uma educação emancipatória.

Contexto Político-Social Latino-Americano

A pesquisa conta como referencial teórico Estudos de Gênero e Formação Docente, Estudos Feministas Latino-Americanos e Estudos de Gênero que destacam o contexto neoliberal que atinge a educação. Desse modo, apresenta-se como uma importante possibilidade de estabelecer um debate, encontrando pontos de intersecção no feminismo latino-americano, além de pensar nos desafios atuais do contexto político educacional.

A ascensão da extrema-direita nos países da América Latina nos últimos anos, com os ataques sistemáticos às escolas públicas e às agendas de gênero, raça e sexualidade, passou a ser parte de um projeto ultraconservador na educação. No Brasil, assistimos o avanço do neoconservadorismo e o retrocesso no campo dos direitos humanos, uma vez que este não só propõe que se deixe nas mãos de particulares ou de empresas privadas o maior número possível de atividades econômicas, incentivando a limitação do papel do Estado com a privatização de instituições públicas que deterioram as políticas voltadas aos direitos humanos.

Organizações como Movimento Escola Sem Partido no Brasil, mobilizaram discursos contra os direitos humanos e contra pautas reconhecidas nas agendas ministeriais (Vianna, Bortolini, 2020). As implicações deste cenário marcam um tenso processo de negociação e supressão de planos, projetos, ações e programas, afetando a educação, sobretudo o debate que envolve os direitos humanos. Neste contexto, a "ideologia de gênero" aparece como uma categoria acusatória e como uma política pública. A empreitada reacionária sustenta-se na defesa de valores tradicionais. Os movimentos ultraconservadores, com suas ideias sexistas e antigênero, atrasaram o debate sobre as pautas dos direitos humanos e buscaram dificultar uma agenda política

alinhada com os princípios democráticos ocupando um espaço estratégico na educação.

Na Argentina, a abordagem do neoconservadorismo já estava presente no quadro da reforma educativa dos anos 90, face à convergência entre as políticas neoliberais na gestão do Estado e da economia com os preceitos morais católicos conservadores na esfera política, neste contexto, houveram as primeiras reações e oposição à inclusão explícita do gênero no currículo obrigatório. A noção de neoconservadorismo reapareceu recentemente associado às políticas educacionais do período 2015-2019, ao que foi chamada de "restauração conservadora" em nível nacional e regional, incluindo a identificação de algumas propostas regressivas em matéria educacional a partir da noção de "ideologia de gênero" (Torres, 2024).

A Lei 26.150 de 2006, que torna obrigatória a Educação Sexual Integral desde a educação infantil até a formação docente, enfrenta desigualdades e desafios em sua implementação. Expressões como "Não mexa com meus filhos" e "Não à ideologia de gênero nos currículos" refletem resistências que passaram a influenciar a formulação de políticas públicas com enfoque de gênero na América Latina, revelando uma conjuntura marcada por reconfigurações neoliberais, neoconservadoras e neofascistas (Baez e Oliveira, 2024).

As ideias antigênero, no Chile, também têm sido utilizadas para inibir no âmbito do Estado, a promoção de uma perspectiva de gênero e de uma educação sexual abrangente que reconheça a diversidade (Rojas, 2024). A discussão sobre gênero e sexualidade no sistema escolar chileno, também tem feito parte de um campo de disputas de grande alcance, reflexo do fortalecimento de uma agenda neoconservadora que se articula a partir de princípios neoliberais. O neoconservadorismo educacional no Chile, se consolida através da convergência entre antigos grupos ultraconservadores das elites chilenas e grupos evangélicos em torno da denúncia da propagação da ideologia de gênero nas escolas. Assim como no Brasil, os grupos neoconservadores mobilizam um discurso de perigo para a infância nas políticas de gênero e diversidade e identificam como inimigos a UNESCO, grupos ou organizações feministas, LGBTQIA+ e denunciam riscos de propagação amoral dentro das escolas.

Com os avanços das ações feministas na América Latina, foram ampliados em

todos os países os direitos das mulheres, que mais recentemente, passaram por uma eclosão de feministas pós-coloniais e dos clamores de mulheres dos povos originários e afrodescendentes, caracterizando uma onda renovada dos feminismos latino-americanos (Morell e Arancibia, 2023).

Pensar as possibilidades de contrução de uma Pedagogia Crítica Feminista se faz urgente, pois permite uma práxis educativa que pode contribuir para transformar os sistemas de opressão e de desigualdade, além de fomentar o pensamento crítico sobre as estruturas educativas, sociais, políticas e econômicas. A urgência para a inserção do debate de gênero na formação docente aponta para a importância da construção de um projeto político pedagógico comprometido com a eliminação das desigualdades, que possa servir de instrumento de resistência para o campo educativo. (Duarte, 2021; Duarte, Finco, 2024)

Pedagogias Feministas: e o desejo de transformar tudo[3]

Pensar numa pedagogia crítica feminista, que nos leva a pensar as relações e a construção do conhecimento no contexto educativo. Na construção de uma pedagogia feminista como um posicionamento pedagógico-epistêmico, põe em crise os modos hegêmonicos (Baez e Sardi, 2024). Trata-se de uma posição pedagógica, política e epistêmica contra o avanço da destruição humana, trata-se de uma pedagogia com o compromisso com a democracia, com os direitos, com a liberdade e o bem-viver.

Analisando o cenário sobre a emergência dos atores antigênero no debate público da educação latino-americana e em tempos hostis e ásperos, Baez e Sardi (2024) apontam a urgência de fomentar a capacidade de imaginar pedagogicamente de forma feminista. Diante do neoconservadorismo na educação e suas implicações antidemocráticas, as pedagogias feministas, ancoradas e nutridas pelos debates epistêmicos, podem contribuir com sua força e potência teórica para a transformação na sociedade (Galindo, 2022). A pedagogia feminista, como parte de uma proposta de

[3] O título faz referência ao livro da pesquisadora Verónica Gago: "A potência feminista ou o desejo de transformar tudo" (2020). O desejo como uma força que impulsiona o que é percebido coletivamente.

"reflexividade crítica", ressalta a importância de que professores/as reflitam sobre suas próprias experiências, crenças e práticas, (Rojas, 2024; Torres, 2024) reconhecendo como podem reproduzir, mesmo inconscientemente, desigualdades de gênero. Carregam desse modo, o desafio da construção de práticas pedagógicas críticas que possam analisar e contruir ferramentas que combatam o sexismo, a homofobia e outras formas de discriminação.

Considerando que educação, a escola, práticas pedagógicas e os currículos são atravessados pelas práticas hegemônicas e de colonialidade, tal perspectiva aponta para importantes espaços conceituais do pensamento feminista, que permitem entender disputas históricas das formas de controle das identidades que se desdobram em relações de poder (Baez e Sardi, 2024). Contribuem para a desconstrução da lógica que hierarquiza as formas de conhecimento e as identidades, problematizando as diversas dimensões de violência e dominação.

Gênero coloca-se, portanto, como uma importante ferramenta para pensar a formação docente. Refletir criticamente sobre os sistemas de significados, ver como representamos o gênero e o utilizamos para articular regras de relações sociais e construir o sentido da experiência. Por isso a "experiência" serve como uma forma de falar sobre o acontecido, de estabelecer diferenças e similaridades, e de postular o conhecimento. Esta experiência, pessoal e coletiva, constituída por essa rememoração crítica tem a potência de movimentar a vida e o mundo, ela carrega em si a potência de transformar o mundo. (Mendonça, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou expandir o debate de gênero na formação docente dialogando com as contribuições feministas latino-americanas. Buscou fortalecer, contribuir e potencializar a construção de uma Pegadogia Crítica Feminista, como um posicionamento pedagógico a favor da democracia e da eliminação de preconceitos, discriminações e violências. Uma pedagogia crítica pode trazer importantes transformações, no âmbito do movimento feminista e transfeminista nas ruas e nas aulas

(Baez e Sardi, 2024). Pensar o mundo a partir das pedagogias do sul feministas latino-americanas, de seus territórios e vivências coletivas, implica questionar permanentemente as lógicas coloniais, androcêntricas, patriarcais e neoliberais no campo educacional, especialmente em tempos de ataque à democracia. Essas contribuições fortalecem a prática docente por meio da pedagogia feminista, promovendo uma perspectiva crítica que confronta sentidos e práticas hegemônicas, e convida à revisão dos saberes curriculares e das práticas educativas em busca de uma educação que questione e construa um mundo mais justo.

REFERÊNCIAS

BAEZ, Jesica e SARDI, Valeria. *Pedagogías Feministas*: Propuestas para imaginar y sentir las aulas. 1º ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2024.

BAEZ, Jesica e OLIVEIRA, Isadora de Freitas. Pedagogias Feministas: entre experiências e reflexões de amparo político frente ao avanço dos conservadorismos. (2024). *Revista Brasileira De Estudos Da Homocultura,* v. 7 n. 22, 2024..

BALLESTRIN, Luciana Maria de Aragão. Feminismo De(s)colonial como Feminismo Subalterno Latino-Americano. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 28, n. 3, 2020.

FINCO, Daniela. Redes Feministas na Universidade: compromisso político e acadêmico na defesa dos direitos das mulheres e das crianças pequenas. In. Teles, Amélia De A.; SANTIAGO, Flávio; FARIA, Ana Lúcia G. de (Org.). *Por que a creche é uma luta das mulheres?* Inquietações feministas já demonstram que as crianças pequenas são de responsabilidade de toda a sociedade! Editora: 2018, pp.02-07.

DUARTE, Amanda Rodrigues *Inserção de gênero na formação inicial dos cursos de pedagogia a partir das experiências e narrativas docentes* (Dissertação de mestrado) Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Paulo - Unifesp Guarulhos, 2021.

DUARTE, Amanda Rodrigues. FINCO, Daniela. Desafios da Inserção de Gênero na Formação Inicial a Partir das Experiências de Professoras Acadêmicas Feministas. *Mediações,* Londrina, v. 29, n. 2, p. 1-20, 2024.

GAGO, Verónica. *A potência feminista ou o desejo de transformar tudo*. São Paulo, Editora Elefante, 2020.

GALINDO, María. *Feminismo Bastardo*. 1º ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: La Vaca, 2022.

MENDONÇA, Viviane Melo de. *Um dia você vai sentir na própria carne: afeto, memória, gênero e sexualidade*. 1.ed. Jundiaí: São Paulo, Paco, 2020.

MORELL, Ingrid Agud; ARANCIBIA, Valeria Brell. Presentación Educación y género: experiencias desde las pedagogías feministas en el campo de la educación. *Educar.* 2023, vol. 59/1 pp.13-17.

ROJAS, Maria Teresa. Neoconservadurismos en la educación chilena: emergencia de los actores antigénero en el debate público. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 45, 2024.

TORRES, Germán Santos María. Discursos (neo)conservadores en Argentina ante la Educación Sexual Integral (2018-2021). *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 32(2): e96575, 2024.

VIANNA, Cláudia P.; BORTOLINI, Alexandre. *As agendas feministas, LGBT e antigênero em disputa nos Planos Estaduais de Educação (2014 - 2018).* In: VIANNA, Cláudia; CARVALHO, Marília (orgs.). Gênero e Educação: 20 anos construindo conhecimento. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.